

Associativismo recreativo e formação de identidades: elementos constitutivos de uma cultura fabril

Recreational associations and identity formation: constitutive elements of a factory culture

Juçara da Silva Barbosa de Mello¹

Resumo: Uma análise do cotidiano operário em Santo Aleixo (distrito de Magé, Rio de Janeiro), revela a existência de um complexo processo de criação e sedimentação de identidades, desencadeado pelo entrelaçamento de redes de relações sociais construídas a partir da centralidade do trabalho fabril. Tal processo foi complexificado por outras solidariedades, forjadas nas associações recreativas, que, embora formadas a partir do investimento patronal, não representam espaços de recepção passiva de seus valores ideológicos, mas lugares de manifestações culturais que refletem tensões e negociações presentes nas relações inter e intragrupos ou classes. A documentação histórica produzida pelos próprios protagonistas desta história (depoimentos orais e atas de reuniões das associações), em diálogo com uma rica produção bibliográfica sobre o tema, são suporte e fundamento das ideias apresentadas no presente artigo.

Palavras-chave: trabalho, identidades, associativismo.

Abstract: An analysis of industrial workers' daily life in Santo Aleixo (Magé, Rio de Janeiro State, Brazil) reveals a complex process of building and consolidating identities which was triggered by the interweaving of social networks radiating from the centrality of factory work. This process has been complexified by other forms of solidarity forged in recreational associations which, even when built on employer's investment, do not represent areas of passive reception of their ideological values. On the contrary, they host cultural events that reflect the tensions and negotiations inherent to relationships intra and extra-groups or classes. The historical documentation produced by the protagonists of History (oral statements and association meeting minutes), in dialogue with the rich bibliography on the subject, support and substantiate the ideas and concepts presented in this paper.

Keywords: work, identities, associationism.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail para contato: jsbmello@oi.com.br

Em que sentidos e direções desejamos transformar o mundo, ou: nossas pesquisas implicam transformação? Corremos o perigo de esquecer que o sujeito e o objeto de nossas pesquisas são seres humanos? Não deveríamos correr esse risco, pois são pessoas – não o “trabalho”, mas homens e mulheres trabalhadores reais [...] – o que nosso estudo focaliza. Para muitos de nós o objeto final de nosso trabalho é criar um mundo no qual os trabalhadores possam fazer sua própria vida e sua própria história, ao invés de recebê-las prontas de terceiros, mesmo dos acadêmicos. [1973]

Eric Hobsbawm²

Este artigo se constitui como parte de uma pesquisa que diz respeito à elaboração e reelaboração de identidades e às relações sociais que se deram entre os operários de duas fábricas têxteis localizadas no distrito de Santo Aleixo, a Fábrica Unidas de Tecidos Rendas e Bordados e a Fábrica Esther, da Companhia de Fiação e Tecelagem Bezerra de Mello,³ em sua fase industrial, considerada o período áureo de seu desenvolvimento econômico e cultural. Para tanto, procuramos empreender uma análise da memória individual e coletiva, das práticas de trabalho e suas condições sociais experimentadas pelos operários têxteis das duas fábricas que estiveram em funcionamento no local.

Nossa abordagem – como a de muitos historiadores sociais – não nega as ações organizadas e dos movimentos institucionalizados como importantes formas de atuação política dos trabalhadores; apenas focaliza uma outra dimensão, que é tão legítima quanto aquela: a dimensão em que

² HOBBSAWM, Eric. **Mundos do trabalho**: novos estudos sobre a história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 30.

³ No decorrer do artigo, em alguns momentos, a Fábrica Unidas de Tecidos Rendas e Bordados será referida também como Fábrica Andorinhas, enquanto a Fábrica Esther, pertencente à Companhia de Fiação e Tecelagem Bezerra de Mello, aparecerá como a Fábrica de Santo Aleixo e algumas vezes como “a Bezerra de Mello”. Isso se explica, no primeiro caso, por Andorinhas ser o bairro onde está localizada a Fábrica Unidas de Tecidos Rendas e Bordados, e no segundo caso pela Fábrica Esther ter sido a primeira a ser instalada no distrito de Santo Aleixo, inaugurada em 1848, à época com o nome Fábrica Nacional de Santo Aleixo. Para maiores informações sobre a trajetória das referidas fábricas, cf. MELLO, Juçara S. Barbosa. **Identidade, memória e história em Santo Aleixo**: aspectos do cotidiano operário na construção de uma cultura fabril. São Gonçalo, 2006. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

se torna possível uma análise do modo como trabalhadores anônimos vivenciaram suas próprias experiências e o que pensavam sobre elas. Enfim, uma análise das ações e representações constituintes de uma história descrita pelos próprios atores que a protagonizaram, do que resulta uma visão mais abrangente sobre o multifacetado mundo do trabalho.

As associações recreativas, em particular os clubes esportivos, se enquadram em certo padrão de associação que costumava agregar “empregados de uma mesma loja ou operários de uma mesma fábrica”.⁴ De acordo com Pereira, o modo como se deu o surgimento dos dois primeiros clubes esportivos compostos por operários do Rio de Janeiro, o Bangu e o Carioca, nos primeiros anos do século XX, “seria nos anos seguintes seguido por muitos de seus pares”.⁵ O investimento na formação de times de futebol por parte de empresários foi um fenômeno mais ou menos comum desde o início do século XX. Referindo-se ao papel da Companhia Progresso Industrial do Brasil, fundada em 1892, na formação do Grêmio Recreativo Bangu, localizado em Bangu, na cidade do Rio de Janeiro, Leonardo Affonso de Miranda Pereira assinalou:

Cedendo o terreno para que formassem o campo e construíssem sua sede, comprando móveis e utensílios para o clube, fornecendo os uniformes e financiando festivais, a fábrica de tecidos apareceu desde a fundação do Grêmio como o seu grande sustentáculo, financiando suas atividades e apoiando suas iniciativas.⁶

Esses times formados por trabalhadores – quase sempre pertencentes à mesma empresa – deram origem a importantes clubes esportivos. Ao assumirem o papel de sustentáculo financeiro dos clubes esportivos, as empresas acentuaram a relação de dependência dos operários – já significativa, levando em conta o fato de estarem enquadradas no padrão fábrica com vila operária, no qual o controle dos trabalhadores é bem mais estreito, uma vez que o alcance do “braço disciplinarizante” das fábricas se estende até o espaço mais privado da sua vida. Segundo Batalha, entre as indústrias têxteis, em particular, “os clubes transformaram-se em

⁴ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 255.

⁵ *Ibidem*, p. 258.

⁶ *Ibidem*, p. 259.

mais um dos mecanismos de controle da empresa sobre seus empregados”.⁷

A partir da década de 1930, um extraordinário universo de manifestações culturais e associativas despontou no meio operário de Santo Aleixo, relacionado a um notável investimento do patronato nos setores social e cultural. A criação de associações dançantes, carnavalescas, musicais e esportivas nos respectivos bairros operários do distrito contribuiu para a demarcação de diferenças, fazendo emergir “outras identidades”, que coexistiam, mas que em alguns momentos podiam suplantar aquela costumeiramente associada ao lugar que esses trabalhadores ocupavam no interior de um sistema mais amplo.

Em Santo Aleixo, a forte influência das fábricas nos clubes, em função de suas participações objetivas na sobrevivência dos mesmos,⁸ garantia a extensão do controle exercido sobre os operários, já estendido do trabalho à moradia, sendo ainda mais potencializado por sua presença no espaço de lazer desses trabalhadores. Contudo, é verdade também que o auxílio material proporcionado pelas fábricas a esses clubes de operários se firmava através da relação entre as partes. Uma relação que, embora fosse quase sempre marcada por forte reverência aos representantes das fábricas, não significava passividade e resignação, mas uma apropriação por parte dos operários-jogadores do discurso dos patrões, como uma estratégia para alcance de seus interesses mais imediatos.

Analisamos o cotidiano dos operários-moradores de Santo Aleixo, valorizando seus múltiplos aspectos, o que nos permitiu observar, por meio da fala e do comportamento desses trabalhadores, como o discurso proveniente do patronato foi interiorizado e reelaborado, materializando-se como uma cultura específica.⁹ Principalmente, em que medida essa cultura,

⁷ BATALHA, Cláudio H. M. Cultura associativa no Rio de Janeiro. In: BATALHA, Cláudio H. M., SILVA, Fernando T. da, FORTES, Alexandre (orgs.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Ed. da Unicamp: 2004. p. 114.

⁸ Eram frequentes as doações em dinheiro feitas pela Fábrica Esther ao Guarany Futebol Clube, especialmente no período de Carnaval, quando eram realizados os tradicionais bailes carnavalescos em sua sede social. Na ata da reunião dos sócios do clube de 8 de fevereiro de 1956 consta o registro da doação de Cr\$ 1.000,00 pela pessoa do gerente da Fábrica Esther, enquanto o então deputado estadual Waldemar Lima Teixeira oferecia uma quantia de igual valor.

⁹ Cf. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel, 1989. p. 113. Ao desenvolvermos uma análise que leva em conta não somente a fala, mas também o comportamento dos operários de Santo Aleixo, nossa referência está no pensamento de Bourdieu, no que diz respeito à impossibilidade de uma análise que pressuponha uma oposição ou uma dicotomia entre a representação e a realidade, enfatizando, além da interiorização da dominação, e também da resistência à dominação, os aspectos propriamente simbólicos por ela assumida.

desenvolvida por entre “os poros da disciplina fabril”,¹⁰ atuou como um aspecto ativo na própria organização social do grupo, gerando atitudes concretas, reveladoras da presença simultânea do consenso e da resistência no cerne da vida operária. Dentre os diversos aspectos analisados, percebemos que as atividades de lazer e cultura representaram elementos marcantes no universo de fatores presentes na constituição das redes sociais que atravessavam as vidas dos trabalhadores de Santo Aleixo, e que garantiram a afirmação de laços de identidade na comunidade e na fábrica.

Do ponto de vista dos operários militantes, membros de sindicatos ou associações de resistência – ao menos inicialmente –, a forte vinculação entre as fábricas e esses clubes transformava-os em instrumentos de alienação dos operários, já que tenderia a contribuir para a tessitura de laços e identidades entre trabalhadores e patrões, chegando a criar um clima amigável e distraíndo a atenção dos operários-jogadores da real situação de dominação e exploração a que estariam submetidos. O fato de não encontrarem, nesses trabalhadores, o modelo de luta que procuravam, fazia com que os operários militantes definissem como alienados os operários em geral, já que “não era nos sindicatos de resistência que estava concentrada uma parcela significativa dos trabalhadores cariocas, mas [...] era nos centros recreativos que eles se encontravam nos primeiros anos do século”.¹¹

Esses centros recreativos originados dos “times de fábrica”, que tiveram como referência o modelo adotado pela Companhia Progresso Industrial do Brasil (fábrica de tecidos localizada em Bangu, RJ), se fortaleceram e chegaram aos momentos áureos de suas existências durante todo o segundo e parte do terceiro quartel do século XX. Este é o caso, por exemplo, do Sport Club Pau Grande, fundado em 1908 por ingleses que ocupavam cargos de chefia na fábrica de tecidos “localizada na localidade rural de Pau Grande, em Magé, a 90 Km do Rio de Janeiro [...] quarenta anos depois, essa fábrica possuía uma equipe que se destacava nos campeonatos entre times de fábricas têxteis da região”, e de onde saíria para brilhar na seleção brasileira, em 1958, ninguém menos do que o craque Garrincha.¹²

¹⁰ LOPES, José Sérgio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na “cidade das chaminés”**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, Marco Zero, MCT/ CNPq, 1988. (Pensamentos antropológicos). p. 88.

¹¹ PEREIRA, **Footballmania**, op.cit. p. 258.

¹² Cf. LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, SILVA, FORTES, **Culturas de classe**, op.cit. p. 132.

Em Santo Aleixo, também distrito de Magé, não apenas uma, mas duas associações esportivas surgem: o Guarany Futebol Clube, em 1913, e o Andorinhas Futebol Clube, em 1917, financiados, respectivamente, pelas fábricas têxteis Unidas de Tecidos, Rendas e Bordados e Companhia de Fiação e Tecelagem Bezerra de Mello. Nesses clubes, o futebol era o principal elemento aglutinador dos operários, mas não o único a estimular a manifestação de uma cultura específica, pois, além dos jogos de futebol, havia também as tardes dançantes, animadas pelas bandas de música compostas pelos próprios trabalhadores, os concursos de beleza e ainda os tradicionais bailes carnavalescos organizados pela diretoria dos clubes.¹³ Enfim, esses clubes se constituíam em verdadeiros centros de cultura e lazer, onde as redes de sociabilidade existentes criavam afinidades que ajudavam a consolidar as identidades forjadas no espaço de trabalho. Em todas essas manifestações podia ser percebida a expressão de formas simbólicas e objetivas, senão de uma cultura operária, então de uma cultura fabril, forjada a partir da peculiar combinação de tempo, lugar e atores sociais.

Não obstante a notoriedade das semelhanças nas condições objetivas de sobrevivência dos trabalhadores de unidades fabris que se encaixam no padrão fábrica com vila operária, não devemos confundir, conforme nos adverte Batalha, “experiência vivida com experiência percebida”.¹⁴ A primeira faz referência às semelhanças nos modos de trabalho, moradia, vestimenta, alimentação dos trabalhadores de diversas empresas, sobretudo têxteis, enquanto a segunda diz respeito ao modo como tais condições materiais de existência, mais ou menos padronizadas, foram tratadas e percebidas pelos diferentes grupos de trabalhadores.

Um dos aspectos que apontam para a especificidade da situação sociocultural vivida pelos trabalhadores de Santo Aleixo foi a rivalidade que, com o tempo, se desenvolveu entre os operários e chefes das fábricas, a de “cima”, de propriedade do Sr. Hermann Mattheis, e a de “baixo”

¹³ O Andorinhas Futebol Clube contava com um departamento feminino que se estima ter sido bastante atuante, uma vez que são freqüentes, no Livro de Atas do Clube, referências honrosas às mulheres que dele faziam parte. Tal fato evidencia também a participação nada desprezível das mulheres operárias nas associações recreativas, o que igualmente se detecta no que diz respeito ao funcionamento do sindicato local.

¹⁴ BATALHA, Cultura associativa no Rio de Janeiro, op.cit. p. 97.

(Esther), da qual era proprietário o grupo Bezerra de Mello.¹⁵ O Sr. Eli se recorda bem do clima competitivo que envolvia o esporte do lugar, dizendo que “os donos das fábricas, cada qual queria fazer o melhor, contratava até jogadores de fora pra vir jogar aqui”.¹⁶ A rivalidade, então, estimulava ainda mais os investimentos nos setores social e cultural, tornando-se evidente por ocasião da realização das animadas partidas de futebol entre o Andorinhas Futebol Clube (patrocinado pela Fábrica Unidas) e o Guarany Futebol Clube (patrocinado pela Fábrica Esther).¹⁷

Sim, meus amigos, quando o Campeonato Mageense de Futebol assinala em sua tabela o clássico de maior envergadura municipal: Guarany Futebol Clube x Andorinhas Futebol Clube, os habitantes dessa tão exaltada cidade experimentam modificações sensíveis em sua personalidade, a qual é sobreposta pelo sentimento de amor pelas cores de seu clube. Uma semana antes do jogo, os comentários são inúmeros. As incertezas de sucesso de seu clube fazem a maioria esquecer de tudo. As hostilidades mútuas, embora levemente, acendem mais ainda as labaredas angustiantes da esperada vitória. Os de cima evitam mesmo de vir cá embaixo. Os daqui, igualmente, se sentem desambientados em ir lá em cima.¹⁸

Para muitos, as rivalidades que separavam os operários poderiam servir como sustentação do argumento segundo o qual as identidades construídas nesses centros esportivos, estreitamente ligados às respectivas companhias, ao mesmo tempo em que apontavam para a desunião e o

¹⁵ O distrito de Santo Aleixo está localizado entre a cidade de Magé e as cidades de Petrópolis e Teresópolis. No entanto, o acesso ao local só é possível através da Estrada Municipal Adam Blumer ou pela Estrada Municipal Alam Bergara. O distrito está separado das cidades de Petrópolis e Teresópolis pelas montanhas que circundam o local. Isso explica o fato dos operários-moradores de Santo Aleixo fazerem referência à Fábrica Unidas de Tecidos Rendas e Bordados como sendo a Fábrica de “cima”, pois a mesma está localizada na parte mais próxima às montanhas, enquanto a Fábrica Esther, pertencente à Companhia de Fiação e Tecelagem Bezerra de Mello, é chamada de fábrica de “baixo” por estar localizada logo na entrada do distrito.

¹⁶ Entrevista com Eli Silva, ex-operário da Fábrica Unidas de Tecidos Rendas e Bordados ou “Fábrica de Andorinhas”, concedida à autora em 9 de setembro de 2009.

¹⁷ Doravante utilizaremos as siglas AFC e GFC para identificar o Andorinhas Futebol Clube e o Guarany Futebol Clube, respectivamente.

¹⁸ GUARANY FUTEBOL CLUBE. **Revista Comemorativa do Jubileu de Ouro (1913/1963)**. Santo Aleixo, Magé, Rio de Janeiro, 1963. p. 15.

conflito entre os trabalhadores têxteis do local sugeriam a existência de uma relação harmoniosa entre os “benfeitores” patrões e “sua” comunidade operária. A paixão pelos clubes podia, então, ser entendida como elemento que tendia a anular a marcação da distância que separava patrões e trabalhadores, em virtude das posições sociais antagônicas por eles ocupadas.

Contudo, a partir de uma série de entrevistas realizadas com antigos operários-moradores de Santo Aleixo,¹⁹ em confronto com outras evidências como artigos de revistas de circulação local e registros presentes nas atas de reunião do AFC e do GFC,²⁰ observamos a presença simultânea de identidades que, se em alguns momentos estiveram marcadas mais fortemente pelo apego a seus clubes de “coração”, na maior parte do tempo tinham no trabalho fabril o fundamento a partir do qual desenvolviam-se todos os demais vínculos identitários. Reconhecer no trabalho o mais forte fator de identificação entre os operários, mesmo entre os associados dos clubes recreativos, significa o reconhecimento de que, nas relações entre os trabalhadores, embora as associações recreativas pudessem funcionar como espaço em que se solidificavam as identidades, seus principais elementos formadores se originavam a partir do trabalho, neste caso, do trabalho fabril.

Tinha muita rixa no futebol e nos blocos carnavalescos da fábrica de Andorinhas e Santo Aleixo, mas quanto aos operários eu não via rixa não. O Sindicato tinha operários das duas fábricas, aqueles que eram contrários, tanto fazia que fosse de lá, ou fosse de cá, era contra mesmo né. Nessa parte não tinha rixa não. No carnaval e no futebol tinha rivalidade, mas na hora de lutar, quem lutava, lutava mesmo por todos os operários.²¹

¹⁹ Dentre os entrevistados, podemos citar alguns que estiveram diretamente ligados a esses Clubes. São eles: Paulo Lopes, entrevistado em 3 de fevereiro de 2005, Nito Lima Teixeira, entrevistado em 5 de janeiro de 2005, Maria Oneida Péclat de Oliveira, entrevistada em 18 de janeiro de 2007. Todos ainda residentes no distrito de Santo Aleixo.

²⁰ O acesso às atas de reunião do Andorinhas Futebol Clube (AFC) e do Guarany Futebol Clube (GFC) foi fundamental em nossa pesquisa. Os registros contidos nestas atas, em confronto com os testemunhos orais, foram de grande valor na análise sobre as sociabilidades e o lugar que o lazer ocupava na vida dos operários, bem como da relação entre as fábricas e os clubes recreativos.

²¹ Entrevista com Lúcia de Souza, ex-operária da Fábrica Esther ou “Fábrica de Santo Aleixo”, concedida à autora em 10 de outubro de 2007.

Nesse sentido, a aproximação entre empregados e patrões, favorecida pelos investimentos desses últimos nos clubes esportivos, não significa, neste caso específico, pensar numa identificação dos funcionários com a empresa que se sobreponha às identidades construídas a partir do compartilhamento de condições de vida e trabalho, como as que ligavam os operários de Santo Aleixo. Dito por outros termos, contrariamente ao que podia aparentar e ao que o patronato supostamente parecia esperar, as rivalidades entre o AFC e o GFC, embora bem intensas, não chegavam a significar que os operários-jogadores, ao dedicarem-se inteiramente à defesa de seus clubes, estivessem com isso assumindo uma postura de defesa da empresa a que estavam vinculados. Pelo menos, não a ponto de fazer com que os operários perdessem de vista a consciência do lugar que ocupavam nas relações de produção, tampouco de enfraquecer os vínculos afetivos que os faziam se sentir todos – os de cima e os de baixo – membros de um mesmo grupo. É o que podemos observar em texto que consta na revista comemorativa do cinquentenário do GFC, publicada em 1963.²²

O clássico Guarany x Andorinhas deveria só ser assistido pela torcida desses dois clubes. É a única que compreende a razão de tudo. Os forasteiros que vão ao campo saem espantados com tal espetáculo. Desconhecem a avalanche de sentimentos que assolam as pessoas que ali estão, querendo a todo o custo sair dali com a vitória de seu time estampada em sua fisionomia [...] Após o jogo, ou melhor, passado então mais ou menos uma semana, as torcidas vão assumindo novamente a sua forma. E a calma volta a reinar em Santo Aleixo. Seus filhos vão naturalmente voltando a um mesmo convívio. As hostilidades desaparecem, dando lugar a um outro sentimento de maior envergadura: o do trabalho e o da ajuda desinteressada ao próximo seja do lado de lá ou do lado de cá.²³

Além de evidenciar o grau de rivalidade existente entre os clubes, o texto acima permite que façamos importantes considerações a respeito da formação da identidade social. A maneira como as torcidas se comportavam

²² Embora não haja autoria declarada, sabemos que o texto da **Revista Comemorativa do Jubileu de Ouro** foi redigido e organizado por um grupo de operários, alguns jogadores e outros membros da diretoria do GFC.

²³ GUARANY FUTEBOL CLUBE. **Revista Comemorativa do Jubileu de Ouro (1913/1963)**, op.cit. p. 17.

pode ser apontada como signo de identificação dos membros do grupo. Assim, o “forasteiro” não é capaz de compreender o que se passa dentro das fronteiras delimitadas pelo próprio grupo, ou seja, “a noção de grupo é reforçada pelo isolamento em que o grupo se mantém, pela concepção de que o mundo se divide em ‘Nós’ (os membros do grupo) e ‘Eles’ (os que estão de fora)”.²⁴ Ao mesmo tempo, podemos perceber a diversidade no interior do próprio grupo, evidenciando o caráter dinâmico, contingente, provisório e plural que marca a identidade.²⁵ Contudo, é relevante a ênfase dada ao trabalho como “sentimento de maior envergadura”, situando-o para além das divergências internas ao grupo e se constituindo, dessa forma, como elemento fundamental, a partir do qual os operários-moradores de Santo Aleixo, “seja os do lado de cá ou do lado de lá”, forjaram, por meio de apropriações e ressignificações, seus próprios valores culturais.

D. Maria Oneida Péclat afirma sempre ter existido rivalidade entre as fábricas por causa do futebol:

Eu sempre gostei de futebol [...] quando o Guarany jogava contra o Andorinhas, era saia vermelha, blusa branca e era aquela briga, aquela discussão. A gente brigava mesmo por causa do time. Inclusive eu fui madrinha do Guarany em 1958”.²⁶

Na fala da ex-operária detectamos a forma como a memória está imbricada ao sentimento de identidade, sendo aquela um elemento constituinte desta, demonstrando, sobretudo, que a construção da identidade é permeada pela referência aos outros, através de critérios de aceitabilidade e credibilidade. Também podemos identificar, na utilização dos pronomes “eu” e “a gente” (nós),²⁷ um recurso de legitimação de uma identidade que é construída e reconstruída a partir das condições objetivas de vida, assim

²⁴ OLIVEIRA, Sonia Maria Gonzaga de. **Montanhas de pano: fábrica e vila operária em Santo Aleixo**. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. p. 31.

²⁵ Cf. ALMEIDA, Maria Regina Celestino de, AZEVEDO, Cecília. **Identidades plurais**. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs.) **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 25-26.

²⁶ Entrevista com Maria Oneida Péclat de Oliveira, ex-operária da Fábrica Esther ou “Fábrica de Santo Aleixo”, concedida à autora em 18 de janeiro de 2007.

²⁷ Para saber mais sobre recursos de legitimação das identidades, cf. POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n 10, p. 200-212, 1992.

como o compartilhamento de modos de pensar, sentir e de agir, mais ou menos formalizados.²⁸

Na Ata da Assembleia do GFC, realizada no dia 15 de janeiro de 1954, é relatado um interessante episódio que ilustra bem o modo como as identidades revelam-se contingentes e plurais, ao mesmo tempo em que denota que “o futebol [...] servia como um fator de identificação entre os trabalhadores [...] construindo entre eles uma solidariedade que mostrava resultados visíveis”.²⁹ Pelo que podemos deduzir, o Sr. Waldemar Lima Teixeira, então presidente de honra do GFC, demonstra, em seu pronunciamento, indignação com relação a punições sofridas pelo Clube que presidia e pelo AFC, seu grande rival. As punições teriam sido efetivadas em função de um jogo entre os dois clubes, no qual o juiz Fizinando dos Santos teria sofrido algum tipo de ofensa, que não é explicitada. O que nos importa neste acontecimento, até certo ponto corriqueiro no meio futebolístico, foi o modo como, a partir de rivalidades e antagonismos, emergiram os laços que ligavam os jogadores dos dois times, evidenciando *o lugar* como forte fator de identificação do grupo:

Com relação à peleja do dia dez do corrente mês [...] em primeiro lugar usou da palavra o Sr. Waldemar Lima Teixeira, que fez questão de frisar que ninguém mais do que ele deplora os lamentáveis acontecimentos havidos naquela tarde. Foi realmente um incidente desagradabilíssimo para a *família santo-aleixense* [...] O GFC como o AFC são dois clubes de reconhecida e proclamada tradição no município. Por isto mesmo, nenhum deles pode ser assim levemente atacado por um árbitro [...].³⁰

Tanto o AFC quanto o GFC mantinham uma relação de dependência estrutural, firmada sobre bases pessoais, com as companhias: “O Conselho Deliberativo, reconhecendo os relevantíssimos serviços prestados ao Andorinhas, pelo Sr. Hermann Mattheis, concede-lhe em caráter vitalício o título de Patrono” – isto é o que consta no quadragésimo artigo do capítulo VIII do Estatuto de funcionamento do AFC, deixando clara a influência da Fábrica Unidas, representada pela figura de seu proprietário Hermann Mattheis, na história do AFC.

²⁸ ALMEIDA, AZEVEDO, *Identidades plurais*, op.cit. p. 25-26.

²⁹ PEREIRA, **Footballmania**, op.cit. p. 267.

³⁰ Livro de Atas do Guarany Futebol Clube, 15 de janeiro de 1954. p. 46.

O título de patrono, concedido em caráter vitalício a este empresário, se apresenta apenas como amostra de um bem articulado “jogo”, no qual as partes envolvidas se equilibram através de concessões mútuas. Considerando, evidentemente, que tais relações se articulavam sobre bases já consolidadas pelas relações de dominação e subordinação que caracterizam as relações de produção. Se, por um lado, o empresário Hermann Mattheis fora capaz de agir com grande desprendimento, cedendo terreno pertencente à fábrica para construção do campo de futebol e da sede do AFC, além de contribuir em todo processo de construção fornecendo mão de obra e ajuda financeira, por outro lado os operários associados retribuíram garantindo sua influência decisiva sobre o destino do clube. Munido do título de Patrono, o empresário Hermann Mattheis possuía, entre outras atribuições, a de “aprovar ou vetar [...] orçamento da receita e da despesa organizada pelo presidente [...] projetos de reforma do Estatuto a serem apresentados ao Conselho Deliberativo”.³¹

Não por coincidência, os momentos de retração da indústria local foram simultaneamente momentos de crise dos clubes esportivos, denotando a posição de dependência em que os últimos se encontravam:

Na fase negra do Guarany, em 1930, ocasião em que falia a Indústria Têxtil de Santo Aleixo [Fábrica Esther], ninguém dava nada pela sobrevivência do Guarany Futebol Clube [...].³²

De fato, conforme consta na revista comemorativa dos cinquenta anos do clube, em relatórios de reuniões presentes nas atas e de acordo com relatos de ex-jogadores e antigos operários-moradores do local, o Guarany Futebol Clube, desde sua fundação, pôde contar com a ajuda financeira da antiga fábrica de Santo Aleixo. Porém, no período da “Grande Depressão”, precisou contar com recursos doados por colaboradores, torcedores e participantes do Clube, como o comerciante Waldemar Lima Teixeira, que mais tarde viria a tornar-se o primeiro santo-aleixense eleito prefeito do Município de Magé.

Dentre todos os adeptos de nosso clube, um dos que mais se sobressaiu foi, sem dúvida nenhuma, o Sr. Waldemar Lima Teixeira, que pelo seu amado e

³¹ **ESTATUTO do Andorinhas Futebol Clube.** Magé, RJ: [s.c.p.], 1960. p. 12.

³² **GUARANY FUTEBOL CLUBE. Revista Comemorativa do Jubileu de Ouro (1913/1963),** op.cit. p. 5.

intocável Guarany Futebol Clube tudo fez. Exerceu todas as funções. De simples atleta até presidente de nossa agremiação [...] Sua vida era dedicada exclusivamente ao Guarany, mas, infelizmente, a política municipal e estadual o roubou um pouco de nós, não totalmente, pois sabemos que ele nunca aceitará ficar alijado de nosso clube.³³

Os relatórios presentes nos livros de atas do GFC contêm diversos fragmentos que atestam o exposto acima, tanto no que diz respeito à constante ajuda financeira da Fábrica de Santo Aleixo ou Fábrica Esther, quanto à marcante presença do comerciante e político Waldemar Lima Teixeira durante as décadas áureas da história do Clube.

Aos seis dias do mês de setembro de 1953 foi comemorado o 40º aniversário de fundação do Guarany Futebol Clube, com o programa elaborado pela diretoria, que foi iniciado com a entrega da sede social do clube aos seus sócios, completamente remodelada pelo GFC e a Fábrica Esther, em seguida foi inaugurado no recinto da sede um busto do presidente de honra do clube, também atual prefeito municipal de Magé, Sr. Waldemar Lima Teixeira.³⁴

O Guarany Futebol Clube foi fundado em 5 de setembro de 1913 por Elpídeo Ferreira, Franklin Borges e outros. Como dito anteriormente, a antiga fábrica de Santo Aleixo teve fundamental participação na origem e na manutenção do clube. Contudo, é somente com a chegada do Grupo Bezerra de Mello que terá início sua “época de ouro”.

No setor esportivo, os Bezerra de Mello têm sido de uma prodigalidade digna de menção, concorrendo, de forma objetiva, para o bom êxito dos vários empreendimentos, proporcionando aos desportistas

³³ GUARANY FUTEBOL CLUBE. **Revista Comemorativa do Jubileu de Ouro (1913/1963)**, op.cit. p. 5.

³⁴ Livro de Atas do Guarany Futebol Clube, 6 de setembro de 1953. p. 80.

campos, uniformes, entre outros materiais dos quais necessitam.³⁵

O Guarany Futebol Clube conquistou diversos títulos municipais e intermunicipais. Em 1964, tornou-se tricampeão mageense. Porém, é o ano da conquista do bicampeonato mageense especialmente significativo, por coincidir com a data em que o Clube completara 50 anos de existência. Em comemoração ao Jubileu de Ouro, é lançada uma revista comemorativa, através da qual verificamos manifestações que nos permitem compreender – conforme dito por Chartier – o modo “como as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam”, e ainda como “as percepções do mundo social não são de forma alguma discursos neutros”.³⁶ A citação abaixo exemplifica a forma como os trabalhadores podiam valer-se do discurso do patronato para, de modo estratégico, arbitrar segundo seus próprios interesses.

Jamais poderíamos, em nossa simples Revista do Cinquentenário, omitir o nome da Fábrica Esther e dos seus estimados administradores e diretores [...] seria uma falta gravíssima, pois o que nós temos recebido da Fábrica Esther através de seus diretores é algo de incalculável. Sem suas ajudas desinteressadas, talvez já estivéssemos no mais profundo dos abismos, porque não teríamos meios para aguentar a frequente elevação dos preços dos materiais esportivos, e esses anualmente os recebemos [...] Estas ajudas devemos ao Sr. Arthur Brito Bezerra de Mello, muito digno presidente da Cia. Fiação e Tecelagem Bezerra de Mello e Patrono do nosso Clube. É um nome que para o Guarany Futebol Clube muito tem representado. A esperança que depositamos em sua pessoa é imensa, pois como tem sido a verdadeira e suprema mola mestra de nossa vida, por certo nunca nos desampará.³⁷

Um olhar pouco atento poderia sugerir, a princípio, a simples manifestação de uma relação marcada pela submissão, resultante de uma

³⁵ SANTOS, Renato Peixoto dos. **Magé, terra do Dedo de Deus**. Rio de Janeiro: IBGE, 1957. p. 163.

³⁶ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988. p. 17.

³⁷ GUARANY FUTEBOL CLUBE. **Revista Comemorativa do Jubileu de Ouro (1913/1963)**, op.cit. p. 21.

bem sucedida estratégia de disciplinarização do operariado em seu cotidiano. Porém, uma avaliação mais detida do discurso, inclusive lançando mão de outras evidências, nos leva a perceber que os trabalhadores utilizam o discurso da ajuda desinteressada do patronato não porque estavam apenas executando uma reprodução mecânica e direta daquilo que os patrões diziam, mas como uma estratégia para garantir a manutenção dos benefícios recebidos. Exemplo disso são os frequentes registros encontrados no Livro de Atas do GFC, em que verificamos o descontentamento dos sócios com relação ao abandono do Guarany pela Fábrica Esther. No ano de 1960, o presidente de honra do clube e então prefeito municipal, Waldemar Lima Teixeira, cita, em seu discurso: “o abandono da Fábrica Esther com o nosso clube, que a qual [sic] não poderia nunca deixar de nos auxiliar”.³⁸

O interesse pelas associações esportivas parece ter sido motivado pela concepção do patronato de que os valores ali apregoados se assemelhavam àqueles que se buscava instituir no “chão da fábrica”. Em 1957, em reunião dos associados do Guarany Futebol Clube, após o Sr. Maurício Betânia – representante da Fábrica Esther – ter declarado que a mesma patrocinaria a remodelação da praça de esportes do clube em “tempo mínimo”, o então presidente da Liga Mageense de Desportos e sócio do Guarany, como que cumprindo um “pacto de reciprocidade”, declara “ter em mente grandes planos para o campeonato desse ano, como instituir a “Taça Disciplina e a Taça Eficiência [...]”.³⁹ A disciplina e a eficiência que se buscava atingir nos gramados eram as mesmas que se esperava dos operários-jogadores no “chão da fábrica”. É assim que “o futebol aparecia para os patrões como um bom meio de preparar o operário para a produção [...] o jogo o faria aproveitar o lazer como uma atividade que desenvolvesse o físico e desviasse a mente de outros tipos de preocupação.”⁴⁰

O modelo de administração praticado pelos empresários Othon Lynch Bezerra de Mello⁴¹ e Hermann Mattheis, desde o início de suas chegadas a Santo Aleixo, esteve baseado no apoio e incentivo às atividades de lazer e cultura entre os operários, que, por sua vez, demonstravam entendimento do que motivava o patronato a agir desta maneira. “Isso era uma estratégia para ativar o operário, investia no carnaval e no futebol”,

³⁸ Livro de Atas do Guarany Futebol Clube, p. 156.

³⁹ Ibidem, p. 98.

⁴⁰ PEREIRA, **Footballmania**, op.cit. p. 267.

⁴¹ Após a morte de Othon L. B. de Mello em junho de 1949, seus filhos Othon Lynch Júnior, Arthur Bezerra de Mello e Álvaro Bezerra de Mello assumem a liderança das empresas do Grupo Bezerra de Mello na região da Guanabara. Cf. Bezerra de Mello: diversificar para crescer. **Exame**, Rio de Janeiro, dez. 1973.

afirma o Sr. Alvinho,⁴² evidenciando que os trabalhadores estavam conscientes das “regras do jogo” e procuravam utilizá-las em proveito próprio. Estas estratégias – a dos empresários e a dos operários – ficam claras na história dos dois clubes.

Esses “clubes de fábrica”, de onde se viram sair craques de elevado nível técnico, acabaram contribuindo, no conjunto de suas existências, para um fenômeno que Leite Lopes classificou como “a inversão dos estigmas sociais em novo estilo de excelência no futebol”.⁴³ Segundo o autor, as vitórias do Brasil nos campeonatos mundiais de futebol nos anos de 1958 e 1962, com o que chama de “equipe multirracial”, são decisivas para a “inversão de estigmas corporais e sociais em capital físico e esportivo”.⁴⁴ O autor cita o exemplo de Garrincha, que segundo ele:

[...] É aquele que ilustra de forma extrema essa inversão [...] Nascido e criado na fábrica têxtil em meio rural de Pau Grande, distante 90 Km do Rio de Janeiro, Garrincha corporifica o *habitus* do operário que tira o maior prazer das atividades marginais da *company town* como a caça, a pesca e a atividade de operário-jogador do time da empresa, driblando a rotina do trabalho, e transfere esse prazer hedonista para o contexto do futebol profissional.⁴⁵

Finalmente, resta-nos observar que – embora tenhamos, aqui, apresentado apenas alguns apontamentos⁴⁶ – em Santo Aleixo foram acionados todos os dispositivos para garantir a presença concreta e efetiva das fábricas em todos os setores da vida do operariado, até mesmo nos menores territórios da vida cotidiana, o que expressa a prática de um poder mudo, não anunciado, uma verdadeira *microfísica do poder*.⁴⁷ Contudo, esperamos – através da análise de alguns dos muitos detalhes das experiências vividas por esses trabalhadores – ter contribuído para

⁴² Entrevista com Álvaro José da Silva, ex-operário da Fábrica Unidas de Tecidos Rendas e Bordados, concedida à autora em 9 de setembro de 2006.

⁴³ LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro, op.cit. p. 149-156.

⁴⁴ Ibidem, p. 149-156.

⁴⁵ Ibidem, p. 150.

⁴⁶ Uma análise detida dos diversos aspectos do cotidiano dos operários de Santo Aleixo se encontra presente em minha dissertação de mestrado. Cf. MELLO, **Identidade, memória e história em Santo Aleixo**, op.cit.

⁴⁷ Cf. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

“desvendar” as “maneiras de fazer” que os fazem “jogar com os mecanismos da disciplina”, pois de acordo com Michel de Certeau:

Se é verdade que por toda parte se estende e se precisa a rede de “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também “minúsculos” e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-lo; enfim, que “maneiras de fazer” formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”?), dos processos mudos que organizam a ordenação sociopolítica.⁴⁸

⁴⁸ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 41.